

Tucanos querem atropelar no final

LAURA FONSECA

O terremoto Sílvia Santos deixou cerca de oito milhões de eleitores desiludidos e órfãos que procurarão um candidato confiável e sério, depois de terem sido arrastados numa aventura. No atual quadro sucessório, somente Collor, Covas, Brizola e Lula, ainda mantêm chances de chegar ao segundo turno e o candidato tucano será a opção majoritária desse contingente de deserdados. Classificado para o segundo turno, Mário Covas será imbatível.

Esta análise, na boca de muitos integrantes e militantes do PSDB, vem causando um alvoroço no ninho dos tucanos que não se cansam de apontar o crescimento contínuo da candidatura Covas em todas as pesquisas das últimas semanas. Alguns admitem que o fenômeno Sílvia Santos freou um pouco esse crescimento das últimas três semanas, mas argumentam que, uma vez liberada para tornar a crescer, sua candidatura vai emplacar.

Os tucanos não falam de alianças ainda para o primeiro turno, mas estão convencidos de que as bases do PMDB já estão se sentindo liberadas para votar em Covas, depois do pronunciamento de Jarbas Vasconcellos e da articulação dos governadores do PMDB mesmo abortada pela renitência de Ulysses Guimarães. "O fenômeno do voto útil pode ser comandado, mas pode ocorrer de forma espontânea com os eleitores escolhendo o candidato mais viável de uma linha ideológica semelhante, como é o caso do PSDB, esquerda do PMDB, PT e PDT", diz Euclides Scalco, convencido de que Covas será o escolhido.

O lado direito do segundo turno parece definido na figura de Collor de Mello e, caso Covas fique como o candidato da esquerda, certamente vencerá, por ser confiável e ter o menor índice de rejeição entre todos os candidatos, explica o líder do PSDB na Câmara. "A boa receptividade de Covas em todas as cidades que percorre, seu desempenho bom no último debate, o grande número de adesões de penúltima hora como os prefeitos de Campina Grande (PB), Araguaína e Miracema (TO), Maceió (AL), Goiânia (GO), nos torna confiantes nos resultados das urnas".

Para Scalco, a decisão do TSE sobre Sílvia Santos veio fortalecer os partidos políticos mostrando o perigo das soluções improvisadas fora da esfera política. "Imagine um candidato de última hora que, confessadamen-

te, nem sabe o que é parlamentarismo, pretender ser presidente da República. O TSE restaurou a ordem do processo sucessório, resgatando a imagem do Brasil no exterior que estava ficando irremediavelmente comprometida".

É exatamente a imagem de respeitabilidade e confiança que Covas inspira o fator que vai pesar nesses últimos dias de caça aos votos, diz Scalco. "Com Collor brigando contra o presidente Sarney, Lula polarizado com Brizola numa luta sem tréguas, Covas vai ser identificado como o candidato estável, firme e inatacável, conquistando os indecisos de última hora e aqueles que se desiludiram de seus candidatos", conclui.

O governo Covas será o primado da estabilidade, sem mudanças estruturais de primeira hora, começando por um período de "colocar a casa em ordem e as cabeças no lugar", explicam os tucanos. "O compromisso de antecipar o plebiscito sobre sistema de governo para o segundo semestre de 1990, permitindo que as eleições parlamentares de 3 de outubro já se façam com a definição presidencialismo/parlamentarismo fixada, trará segurança institucional com reflexos favoráveis na conjuntura econômica e nas expectativas da população".

Caso vença o parlamentarismo, hipótese com a qual o PSDB abertamente trabalha, as alianças feitas no segundo turno criarão a maioria parlamentar necessária para a escolha consensual do primeiro-ministro. "Não existe mais clima para governo de um só partido no Brasil", diz Scalco. "Mesmo com o presidencialismo, o partido do Presidente terá que se aliar para manter uma folgada maioria no Parlamento assegurando a aprovação de suas diretrizes governamentais".

As alianças de segundo turno, prioritariamente com o PT, o PCB e a esquerda do PMDB, darão a um governo Covas uma conotação de centro-esquerda que talvez não agrade à ala jovem tucana, mais à esquerda representada por Vicente Bogo, Sigma-ri-nga Seixas, Nelson Friedrich, Vilson Souza que, no início de outubro, fez uma tentativa de aderir ao PT. A manobra não surtiu o efeito desejado e, com a subida de Covas nas pesquisas, a rebelião foi superada.

Os políticos mais experientes do PSDB como Euclides Scalco, Egídio Ferreira Lima, Jaime Santana, José Richa e o próprio Má-

rio Covas, admitem ser prematura querer "pureza ideológica" nos partidos brasileiros. "Durante muito tempo teremos que conviver com um certo frentismo, representado por alas mais ao centro e mais à esquerda", diz Egídio Ferreira Lima, lembrando que Covas é grande amigo pessoal de Roberto Freire (PCB) mas também de Jarbas Vasconcellos (PMDB) apenas para ficar em Pernambuco.

No plano político, a preocupação principal será o fortalecimento dos partidos, do Congresso Nacional e a busca de participação dos vários segmentos da sociedade civil nos rumos da Nação. As soluções para o Brasil não podem sair de algumas cabeças apenas, precisando serem discutidas com a população que será afetada. A política somente prosperará se representar um meio de ação, não uma finalidade em si mesma, conforme foi a prática durante o governo Sarney.

Reconhecidamente, o PSDB é o partido brasileiro que possui os melhores quadros, mas os tucanos acreditam ser a negociação com outros partidos e representantes da sociedade o caminho certo para se chegar às soluções mais acertadas, fugindo dos radicalismos de esquerda e de direita e rejeitando privilégios de grupos e formação de cartórios vivendo à sombra do poder.

Esta foi a principal imagem contida no famoso discurso do "choque de capitalismo", feita no Senado Federal e que nem todos entenderam. Segundo Covas, à iniciativa privada cabem lucros, mas também riscos, não sendo possível ver os empresários garantindo os lucros, ficando protegidos de eventuais prejuízos na sombra acolhedora do Estado.

Os tucanos enfatizam ser o "crescimento econômico conjugado com distribuição de renda" a pedra fundamental do programa econômico de um governo Mário Covas. A estratégia para as dívidas externa e interna e o combate à inflação e ao déficit público têm que ser equacionados tendo como premissas a melhoria da qualidade de vida, pelo menos a médio prazo. Nos primeiros cem dias, admite-se um programa de saneamento da economia, mas logo em seguida os objetivos principais — crescimento com distribuição — precisam prevalecer.

O estímulo ao desenvolvimento tecnológico, aumento da produtividade, política de emprego baseada na reforma agrária, construção de casas populares e de obras públicas, aumento do sala-

rio mínimo e estímulo à livre negociação dos salários, com a administração pública e das estatais seguindo regras semelhantes ao do setor privado são algumas das diretrizes econômicas que resultarão no objetivo central: desenvolvimento para todas as camadas da população.

Ao Estado compete dar educação e saúde gratuitas a toda a população, sem descartar os setores privados aos quais compete representar uma opção para as camadas de melhor poder aquisitivo que desejem se valer delas. O setor público, no entanto, precisa estar aparelhado para atender bem a todos aqueles que dele necessitam, diz o programa de governo Covas.

Ele pretende aumentar a receita da Previdência combatendo a sonegação, as fraudes e a inadiplência. O INAMPS precisa sair do âmbito da Previdência para compor com os recursos da saúde pública um setor para cuidar da medicina preventiva e curativa. Não se pode descartar a rede privada de atendimento à saúde, mas oito por cento do PIB terão que ser investidos no setor público da saúde.

Em relação à educação, Covas propõe erradicar o analfabetismo e universalizar o ensino básico através do sistema de educação apoiando o aluno que trabalha. A prioridade tem que ser dada ao ensino de primeiro e segundo graus, com a universidade federal se adequando à sua responsabilidade social e os cursos profissionalizantes representando uma verdadeira opção de vida para setores importantes dos chamados meninos carentes. Fazendas-escolas, oficinas mecânicas de todos os tipos, confecções e manufaturas, todas as opções são válidas para tirar as crianças e adolescentes das ruas, dando-lhes uma chance de mudar de vida.

Ligado aos setores de educação e saúde, Covas enfatiza a necessidade de desenvolvimento da tecnologia, como premissa para melhorar a produtividade dos setores e promover distribuição de renda. Para conseguir transferência de tecnologia, Covas está disposto mesmo a incentivar a presença das multinacionais, desde que condicionada a determinados parâmetros. Para garantir resultados neste setor, Covas pretende contar com a comunidade acadêmica e científica para fiscalizar e orientar estas transferências.